

Redimensionar a potência dos pobres por três personagens

Cerqueira, Monique Borba. *Pobres, resistência e criação: personagens no encontro da vida com a arte*. São Paulo: Cortez, 2010.

*Resenha por Pedro Mollica da Costa Ribeiro*¹⁵³

1. Introdução

Os frutos de uma candente reflexão para a ressignificação da vivência sob o signo da pobreza serão colhidos no interior de um título lançado pela Cortez Editora em 2010. *Pobres, resistência e criação: personagens no encontro da arte com a vida*, livro que revelou a tese de Monique Borba Cerqueira (2006), traz um jardim de contrastes, encontros e descobertas para se existir de outra maneira. Constituída por quatro capítulos, além de uma seção com impressões finais, a obra acompanha ainda uma filmografia.

Logo na introdução, o campo semântico da “chaga social”, que recai sobre aqueles que vivem sem recursos materiais, procura ser desconstruído a partir de novos significados valorativos. A diversidade e singularidade de tantos que vivem sob o regime da falta são contribuições, das primeiras linhas do texto, no sentido de questionar o discurso do simples desamparo dos “vencidos” pela pobreza. Apesar do deserto que habita na realidade da escassez, a autora suscita outra percepção sobre os contornos da vida sob a marca da carência. A esse propósito, o aporte de pesquisa foi movido pela inquietude diante da “linearidade de interpretações correntes sobre os pobres, ao mesmo tempo em que requer uma visão capaz de destituir seu fundamento” (CERQUEIRA, 2010, p. 14). Com alicerce no pensamento nietzscheano, o confinamento moral que seria reservado a determinadas formas de vida procura ser revisto pela justaposição de uma ética criadora.

No cenário central, composto por figuras extraídas da prosa literária e do cinema, três seções são reservadas à análise de personagens que experimentaram a vida no plano das privações. Será o caso de Carlitos interpretado por Chaplin, Gabriela de Jorge Amado e Macabéa de Clarice Lispector. O estudo dos três personagens, matizados

¹⁵³ Mestrando em Teoria e Filosofia do Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista pela Universidade Candido Mendes. Ex-professor da Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

pela desobediência e resistência criativa, é concebido em três instâncias. Nas primeiras, estarão as “potências de resignificação”, as segundas serão incorporadas pelo “desejo” e por último “as potências do imperceptível”. Ao mundo vagabundo em preto e branco reserva-se o segundo capítulo, para a prosa amadiana o terceiro e à personagem de *A hora da estrela*, a quarta parte do livro.

No capítulo inaugural, “Uma torrente imensa”, Monique acentua as perspectivas teóricas com as quais procura dedicar-se ao seu objeto de pesquisa. Seu ponto de partida será a adoção de referencial ético e político que se propõe a redimensionar a percepção social que destitui o potencial afirmativo da vivência dos pobres. Com aproximação da concepção nietzscheana, composta pela “vontade de potência”, a ruptura da genealogia da moral dá lugar à formação de “espíritos livres” (NIETZSCHE, 2005, p.114) a restaurar a soberania do sujeito.

Em paralelo à multiplicidade do conjunto de forças anônimas, ergue-se a vontade, o impulso vital, que habita na intensidade e profusão de cada qual. A identificação, provocada por formas de domesticação do indivíduo, tende a ser questionada, enquanto a “força ativa” libera novas formas de se conceber a figuração existencial. A chave de leitura nietzscheana proposta pela autora se arrisca a “transvalorar” as formas de “assujeitamento” das individualidades que vivem sob o signo da falta material. Nesta direção, as figuras desse “sujeito artífice de si mesmo” (CERQUEIRA, 2010, p.36) são buscadas primeiramente nas películas de Chaplin e posteriormente, na prosa de ficção de Amado e Clarice.

2. Criação

A primeira parte do segundo capítulo explora o viés das “assimetrias da invenção” (CERQUEIRA, 2010, p.44) que atravessa as características de Carlitos. Na penumbra do acaso, o vagabundo desafia o que seria o apagamento da miséria iluminada pelos traços da desproporção tangidos pela caricatura. Em meio ao revés da privação, restará apenas uma indumentária clássica, somada a uma série de trejeitos, a satirizar o “tipo aristocrata”. De acordo com a autora, a composição desses elementos parece desbancar a elevação dos significados da riqueza. Em Charlot, “*abundância e escassez não são dotadas de um valor em si, mas expressam situações de onde o vagabundo extrai possibilidades infinitas*” (CERQUEIRA, 2010, p.45).

Os adereços exercem seu papel. A função do chapéu coco será a mediação social, tão própria dos cumprimentos, dos gestos de despedidas e desculpas. Já a

bengala de bambu poderá arquear e esticar, apesar de nunca se quebrar. Assim, pela extensão e flexibilidade desse adereço repousa uma analogia com a “resistência criativa”, com a marca da versatilidade diante da má sorte. Todas essas partes estão atreladas à caracterização do vagabundo, mas de forma orgânica e visceral a transmitir um “acoplamento” de significados. São detalhes essenciais para a ambientação do humor pelo qual se incorpora a reelaboração da realidade.

A variação de disfarces pode acompanhar o deslocamento do Tramp. Porém, a alternância de simulações não se confunde com “usurpação” do espaço dos demais, mas revela a intensidade da transformação de si. Aqui, Monique realça a audácia para se assumir identidades, valendo-se da heteronímia de Fernando Pessoa. Surge um recurso de linguagem com múltiplas possibilidades da despersonalização. Trata-se do espaço do “*outramento que é a coragem de abandonar o jeito de ser para se recriar, metamorfoseando-se, conquistando novos modos de experimentar a vida e as relações com o mundo*” (CERQUEIRA, 2010, p.49).

Novos espaços de subjetividade continuam a ser descobertos à medida que a autora examina uma série de cenas que atravessam a filmografia do principal personagem de Chaplin. Um segundo processo da trajetória errante de Charlot será a maneira como a paixão e as intensidades sublimam as dificuldades, a exemplo do que acontece em filmes como *O garoto* (1921). Porém, os espaços do afeto muitas vezes seguem o signo da clandestinidade, de uma relação de cumplicidade que subverte o campo moral. Um pequeno vagabundo, órfão resgatado por Carlitos, quebra as vidraças das redondezas para que o vidraceiro de chapéu coco possa consertá-las. São as relações inesperadas da precariedade que rompem valores, mas permitem a sobrevivência do essencial pela engenhosidade.

Outro plano de percepção sobre o personagem se retira do elemento subjetivo para a observação das ações que escapem da regra. As manobras e artimanhas do improvisado não são por acaso. O pontapé por trás, por exemplo, “cria atitudes-atalho que expressam uma grande recusa ao universo da ordem” (p.52). Essas atitudes assumem o viés da “lateralidade” e do disfarce que atribui novos sentidos a objetos inanimados. Assim, por exemplo, a incomparável “dança dos pãezinhos”, do filme *Em busca do ouro* (1925), encontra nos talheres à mesa um ato hilariante a partir de significados diversos daqueles concebidos socialmente aos objetos da cena. Desta forma, através da pantomima as coisas mais ordinárias e estáticas são reelaboradas.

O ponto essencial será a modificação do registro de significados potencializada

pela mímica, pelos espaços do silêncio e pela representação apenas por gestos. Portanto, a esse conjunto de possibilidades da arte de narrar com o corpo, Monique realça o potencial para criação de novas formas de existência para além dos sentidos. Em síntese, *“a vida criativamente modificada altera objetos, relações de força e afetos numa cadeia infinita que joga para longe os signos dominantes e estreitos da pobreza”* (CERQUEIRA, 2010, p.78).

3. Desejo

Na terceira seção do texto, o que seria de se esperar de uma retirante, oriunda do flagelo da seca, sofre a revolução modificadora que decorre da força desconcertante do desejo provocado pela contagiante figura de Gabriela. Sua chegada à cidade de Ilhéus desata múltiplas conexões de atração e fascínio, o que possibilita um plano de ação que inverte a ideia de invisibilidade dos mais humildes. As sensações provocadas não decorrem apenas de um novo regime de corporalidade. Esse carrossel de elementos da paixão movimentado pela personagem decorre do seu *“apurado manejo de si”* (p. 85). Como ressalva a autora, a escolha de um jeito de ser da personagem remete à categoria do *“cuidado de si”* assinalada por Foucault (2006). No caso de Gabriela, a correlação se dará por um plano ético de subjetividade, de governo da própria individualidade, inspirada por uma prática contínua de libertação pessoal.

Ao cenário dos encantos e de sedução da protagonista do romance de Jorge Amado (2004) haverá a justaposição de seu relacionamento com Nacib, dono do Vesúvio, famoso bar da localidade. Sem qualquer registro de nascimento, por insistência do comerciante árabe será celebrado o casamento dos dois. Todavia, os laços morais de sociabilidade impostos pelo matrimônio vão de encontro à linha de liberdade traçada pelo estilo de ser da protagonista. Sua disposição interior transcende as regras do recato delimitadas pela sociedade. Neste sentido, Monique Cerqueira salienta que *“uma flor do agreste jamais nascerá em um vaso”* (CERQUEIRA, 2010, p.103). À infidelidade do enlace, atravessada por um incidente paralelo, sucederá a anulação do casório.

A sucessão de eventos, entretanto, não impedirá que superado o confinamento, a mulata cor de canela continue fiel a seus gestos de liberdade, a despertar *“as intensidades múltiplas que não cabem nos códigos institucionais”* (CERQUEIRA, 2010, p. 112). Longe dos vínculos da moralidade, haverá inclusive uma reaproximação

de Nacib e Gabriela. Ao fim, o desprendimento da protagonista prospera no traçado de suas linhas de fuga. Assim como o desejo não tem amarras, Monique Cerqueira extrai das intensidades da dama de Ilhéus um exemplo de vocação para liberdade.

4. Expansão

A última etapa do livro de Monique lançará o desafio de explorar as potências que estão por traz de Macabéa, uma jovem nordestina “incodificável”, que transcende qualquer lógica representativa, a ponto de irradiar como uma estrela uma constelação de interpretações sobre seu traçado. A escrita clariceana provoca o leitor a conhecer traços de uma personalidade infensa a designações.

Entretanto, Maca expressará a intensidade do invisível, do inclassificável, de alguém inacessível a si próprio. Apesar de suas características serem dispensáveis, em seu interior habitará o espaço aberto pelas inúmeras possibilidades do imperceptível. Sendo assim, Monique Cerqueira esclarece que *“Macabéa é uma personagem que provoca perplexidade por ter uma identidade fixa diluída. Ela transita por um regime de invisibilidade e conjuga forças e devires imperceptíveis”* (CERQUEIRA, 2010, p.126).

Essencialmente, reflexões significativas sobre o insondável espaço de ruptura da lógica de identificação da personagem são cultivadas pela autora. As inversões de subjetividade também atravessam a própria construção narrativa, à medida que seu narrador, Rodrigo S.M. (alter-ego da escritora), faz aflorar sentimentos pela protagonista, novos dilemas criativos e até proposições metafísicas. O último romance de Clarice Lispector (1999) completou recentemente 40 anos desde sua primeira publicação, todavia seus enigmas narrativos ainda são incontáveis.

Em síntese, o livro de Monique Cerqueira explora cada contorno do enredo da trama de Lispector por suas sutilezas, pela torrente de potencialidades do vazio, no espaço em que “não ser” da criatura ganhará corpo. Aliadas às variações de tantas cenas de Chaplin analisadas, sem esquecer a vitalidade das reflexões sobre Gabriela de Jorge Amado, a leitura desse título apontará quadros de expansão. Será um terreno que avança criticamente para se repensar o manancial criativo daqueles que vivem sob o signo da privação, dotados de resiliência, vigor e transcendência, quando projetados no plano de contato da arte com a vida.

Referências

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. Record: Rio de Janeiro, 2004.

CERQUEIRA, Monique Borba. *Pobres, nômades e incivilizáveis: potência e criação dos novos modos de vida*. 2006. 167f. Tese (Doutorado em Políticas Sociais e Movimentos Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2006. Disponível em: < <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17816> > Acesso em: 31 mai. 2018.

CERQUEIRA, Monique Borba. *Pobres, resistência criação: personagens no encontro da vida com a arte*. São Paulo: Cortez, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.